

Aspectos do Apoio Logístico nas Operações Aeroterrestres de Curta Duração

Ten Cel Art QEMA
WENCESLAU MALTA

1. INTRODUÇÃO

Nas operações Aeroterrestres, particularmente nas de curta duração, o Apoio Logístico assume características e peculiaridades bem definidas.

Em alguns aspectos embora o planejamento se enquadre na doutrina de Apoio Logístico esquematizada para o nosso Exército a mecânica de execução difere bastante da utilizada nas Operações Terrestres.

Trataremos aqui apenas de alguns aspectos da execução do Apoio Logístico julgados mais interessantes neste tipo de Operação.

2. QUADRO HIPOTÉTICO

Para melhor compreensão imaginemos uma Brigada Para-quedista empregada na conquista e manutenção de uma cabeça-de-ponte aérea à retaguarda do dispositivo inimigo. Pelo planejamento, a junção deverá ser efe-

tuada 72 horas após o assalto aeroterrestre.

Imaginemos ainda que toda a Brigada, inclusive sua Unidade de Apoio Logístico, o Batalhão Logístico Para-quedista, já se deslocou de sua sede para a Área de Aprestamento.

3. EXECUÇÃO DO APOIO

a. Apoio de Manutenção

A manutenção preventiva é desenvolvida em elevado grau desde a fase da preparação nos respectivos aquartelamentos até o momento do embarque das viaturas nas aeronaves, na Área de Aprestamento.

Considerando-se que o deslocamento para o interior da cabeça-de-ponte é por meios aéreos, que durante as ações a serem desenvolvidas naquela área não haja necessidade de movimentos motorizados a grandes distâncias e que a manutenção preventiva foi eficientemente executada pode-se

admitir que os problemas com viaturas não sejam de grande monta. Contudo, equipes de manutenção (mecânica de viatura e de armamento) do Pelotão de Apoio Direto da Cia de Manutenção do Batalhão Logístico Páraquedista reforçarão as Unidades de Combate e de Apoio ao Combate. Tais equipes são lançadas na área de cabeça-de-ponte integrando aquelas Unidades levando em seus equipamentos algum ferramental e peças de reposição de maior índice de mortalidade. Tendo em vista a duração da Operação, a manutenção preventiva realizada e o reforço em mecânicos, pode-se admitir que os problemas de manutenção sejam resolvidos nas próprias Subunidades de Serviço das Unidades empenhadas no assalto aeroterrestre.

b. Apoio de Saúde

Esta atividade assume proporções bem acentuadas nas Operações Aeroterrestres.

É preciso lembrar que, embora sempre planejada, a Evacuação Aeromédica poderá não ser possível realizar. Esta dependerá, em muito, das condições atmosféricas, da disponibilidade de aviões e da superioridade aérea a ser mantida pela nossa Força Aérea.

Por outro lado a Brigada Páraquedista não contará com o Hospital Cirúrgico Móvel normalmente instalado pelo Exército de Campanha nas Operações Terrestres, como é doutrinário. Nes-

tas condições, e provavelmente face ao grande número de baixas sempre admitido em Operações desta natureza, o Apoio de Saúde a ser prestado pela Cia de Saúde do B Log Pqdt terá que contar com maiores recursos tanto em material como em pessoal especializado.

Estes recursos deverão possibilitar a execução de determinadas cirurgias o que extrapola a capacidade de um simples Posto de Triagem. É válido admitir-se então que haverá necessidade de que seja instalado e operado pelo próprio B Log um Hospital Portátil de Campanha.

c. Suprimentos

Embora devam fazer parte do planejamento, vamos admitir que sejam de menos importância para este tipo de Operação os Suprimentos de Classe II (Fardamento e equipamento), Classe IV (Construção), Classe VI (Artigos reembolsáveis), Classe VII (Produtos acabados), Classe VIII (Suprimento de Saúde), Classe IX (Peças e conjuntos de reparação) e Classe X (Suprimento para civis).

Trataremos, aqui, então, apenas das demais classes de suprimento os quais julgamos ser de vital importância para o êxito da Operação.

(1) Classe I (Subsistência)

Dentro do quadro estabelecido neste trabalho podemos admitir

o uso exclusivo de Rações R/2 pelo menos até que seja efetuada a Junção.

O escalonamento do nível de suprimento de Classe I poderá ser assim esquematizado:

- Um dia de suprimento com os próprios homens (distribuído em D-1 na Área de Aprestamento);
- Um dia de suprimento com as Subunidades de Serviços das Unidades participantes do Assalto Aeroterrestre;
- Um ou dois dias de Suprimento com o Batalhão Logístico.

Este Suprimento deve ser mantido, pois constitui a reserva orgânica. Só deverá ser utilizado caso seja interrompido o fluxo de Suprimento (Escalão Recuado — Área-de-Cabeça-de-Ponte). Para que este nível de suprimento seja mantido haverá necessidade de que, diariamente, sejam lançados por pára-quedas ou por desembarque de aviões, do escalão recuado (Área de Aprestamento) para o interior da Cabeça-de-Ponte Aérea, rações R/2 para todo o efetivo existente.

O Suprimento é, em terra, recolhido pelo B Log Padt o qual estoca e distribui através do seu P Distr Cl I.

É denominado "Suprimento Automático" o que se executa em relação ao Suprimento de Classe I para o interior da Cabeça-de-Ponte Aérea.

(2) *Classe III (Combustível, óleo e lubrificantes)*

Todas as viaturas introduzidas na Cabeça-de-Ponte Aérea, seja por lançamento em pára-quedas seja por desembarque de aviões conduzem seus respectivos tanques cheios até 3/4. Além deste combustível as viaturas conduzem também seus camburões reserva cheios até 3/4 de suas capacidades.

O restante do combustível necessário aos três dias de Operações deverá ficar com as próprias Unidades (Subunidades de Serviços) e com o B Log.

Gasolina e óleo deverão ser introduzidos na cabeça-de-ponte aérea no dia D, integrando o Escalão de Acompanhamento, acondicionados em tambores de 200 litros os quais poderão ser lançados em pára-quedas ou transportados em aviões que aterrissam no aeródromo conquistado ou em pistas sumariamente preparadas no interior desta área.

Considerando-se as dimensões da área da cabeça-de-ponte e a característica das ações a serem desenvolvidas, pode-se admitir que o combustível introduzido com o Escalão de Acompanhamento no dia D, seja suficiente para atender às necessidades até a Junção. Contudo, sendo necessário, e atendendo ao pedido formulado pelo COAL (Centro de Operações de Apoio Logístico) ao Escalão Recuado (onde se localiza parte do B Log), poderão ser

feitos novos lançamentos de tambores de gasolina ou óleo.

Normalmente o suprimento CI III enquadra-se, didaticamente, no denominado "Suprimento A PEDIDO". No interior da Cabeça-de-ponte a gasolina é estocada e distribuída às Unidades pelo P Distr CI III da Cia Int/B Log Pqdt.

(3) Classe V (Munição)

Para este tipo de Operação a Classe V constitui, sem dúvida, o ponto mais delicado do Apoio Logístico, particularmente pelo grande volume, peso e quantidade a ser introduzido na cabeça-de-ponte aérea desde o 1.º dia de combate ou do Assalto Aeroterrestre.

Temos que considerar também que a Brigada Pára-quedaista não poderá contar com o Posto de Suprimento de Classe V montado e operado pelo Exército de Campanha como é doutrinário nas Operações Terrestres. Desta maneira o B Log Pqdt não fará apenas o controle da munição, cabendo-lhe também e, principalmente, o suprimento de Classe V.

Há necessidade de que seja mantido, no interior da cabeça-de-ponte, um nível de três dias de suprimento. Em determinadas situações um nível mínimo de dois dias poderá ser admissível.

Este nível de Suprimento poderá ser assim escalonado:

- Um dia com os homens e as Subunidades de combate e de apoio ao combate;

- Um dia com as Subunidades de Serviços das Unidades (para o efetivo da Unidade);

- Um dia com o B Log (para o efetivo da Brigada).

Parte desta munição deverá ser introduzida na cabeça-de-ponte aérea com o Escalão de Assalto constituindo-se praticamente na munição destinada ao 1.º dia de combate. O restante será introduzido com o Escalão de Acompanhamento, por desembarque ou por lançamento de pára-quadras.

Para a manutenção dos níveis estabelecidos haverá necessidade de que, diariamente, sejam remetidos e lançados no interior da cabeça-de-ponte munição em quantidade igual à consumida.

Esta munição deverá ser lançada diretamente nas Áreas de Trens das Unidades Combatentes.

(4) Água

A água constitui, para o Apoio Logístico nas Operações Aeroterrestres, uma atividade de vital importância e com características bastante singulares.

Em princípio, nas Operações Aeroterrestres a água é considerada como um suprimento de classe com características semelhantes ao de Classe I.

Naturalmente as condições climáticas e meteorológicas e principalmente a existência e a natureza dos cursos d'água da região de Operações determinarão a sistemática do Apoio a ser executado.

Em condições adversas teremos que planejar e executar o suprimento de água pelo ar e até a manutenção de níveis no interior da cabeça-de-ponte aérea.

Para o dia D em que as ações de combate deverão ser mais dinâmicas, particularmente para os Infantes, provavelmente haja necessidades de que estes conduzam, além do seu cantil com água, 1 (um) litro de água em invólucro de plástico, em forma de garrafa. Para não sobrecarregar o combatente este adicional de água poderá ser conduzido nas suas respectivas Subunidades.

Deste modo os níveis de água a serem mantidos poderão ficar assim escalonados:

- Um dia com o combatente ou com este e a sua Subunidade;
- Um dia com as Subunidades de Serviços (para toda a Unidade);
- Um dia com o B Log (para toda a Brigada).

A necessidade da manutenção destes níveis surge da possibilidade sempre presente de que seja interrompido o fluxo de suprimento o qual, como sabemos, é executado por meios aéreos.

A água para os 2.º e 3.º dias poderá ser acondicionada em recipientes plásticos de 20 litros e introduzida na cabeça-de-ponte com o Escalão de Acompanhamento através de lançamento por pára-quedas, por desembarque ou mesmo por lançamento livre à baixa altura.

4. CONCLUSÕES

— A inexistência das instalações de Apoio Logístico do Exército de Campanha é uma constante neste tipo de Operação o que implica em maiores encargos para o Batalhão Logístico Pára-quedista.

— O estabelecimento de níveis de suprimento a serem mantidos no interior da cabeça-de-ponte aérea é fundamental para o êxito de uma Operação Aeroterrestre principalmente pela possibilidade de interrupção do fluxo.

— Para a execução do Apoio Logístico o B Log Pqdt deverá se desdobrar em duas áreas distintas: Escalão Recuado e Área da Cabeça-de-Ponte.

— Nas Operações Aeroterrestres de curta duração poderá ser feito o uso exclusivo de rações R/2.

— O Apoio de Saúde para este tipo de Operação assumirá, provavelmente, proporções elevadas o que implicará em maiores recursos em material e pessoal especializados.

— O Suprimento de água, dependendo das condições da área da Cabeça-de-ponte a ser conquistada, poderá assumir características bem peculiares, cuja mecânica de Apoio se assemelhará à de Suprimento de Classe I.

— Diferentemente dos outros B Log de Brigada e de DE, ao B Log Pqdt caberá também o encargo de executar o suprimento de Classe V para toda a Brigada Pára-quedista em Operações.

Os Cuidados no Uso da Cloracetofenona

Cap Inf

FERNANDO JOAQUIM LOURENÇO
Inst Guerra QBN Escola de
Instrução Especializada

1. Introdução

A cloracetofenona, cujo símbolo é CN, é um gás lacrimogêneo, largamente empregado em distúrbios civis, em exercícios da tropa e em operações antiguerrilha.

Considerado taticamente um agente inquietante, requer determinados cuidados a fim de não causar baixas desnecessárias.

2. Histórico

O CN foi descoberto em 1869 pelo químico alemão Graebe sem ter sido, entretanto, considerado realmente um gás de guerra até o fim da 1ª Guerra Mundial, quando pesquisadores americanos obtiveram um processo de fabricação mais satisfatório.

Atualmente, é a cloracetofenona o agente padrão brasileiro do grupo dos lacrimogêneos e se apresenta em munições na forma de granadas, ampolas ou frascos maiores, dependendo do seu estado físico.

3. Efeitos

Os gases lacrimogêneos causam dor e irritação nos olhos, que reagem com abundante lacrimejamento. Além da ação sobre os olhos, sua principal característica, os lacrimogêneos também irritam a pele. Como agentes inquietantes que são, os lacrimogêneos têm efeitos temporários que diminuem a capacidade combativa do soldado, mas não causam a morte nem a incapacitação prolongada.

4. Cuidados Requeridos

Creemos ser necessário alertar quanto ao emprego da cloracetofenona em instrução de defesa contra gases, em face de efeitos secundários que pode provocar.

Normalmente é utilizada em pistas onde o soldado passa rastejando através de um túnel ou de uma manilha.

A cloracetofenona é pouco solúvel na água, hidrolizando-se lentamente, com a formação de ácido clorídrico e hidroximetilfemilcetona.

Normalmente, esses túneis e manilhas têm, em seu interior, água ou lama, e se aí forem lançadas as granadas de CN, elas funcionarão mesmo que não caiam em área seca, dentro de um período muito curto, reagindo com a água.

O ácido clorídrico, assim formado, provoca queimaduras como qualquer outro e tem inclusive uma leve ação sobre metais.

Em um exercício realizado no Campo de Instrução de Gericinó, nestas condições, houve várias baixas por queimaduras nas regiões abdominais e pubiana.

5. Conclusão

Em experiência realizada no Curso de Guerra QBN, da EsIE, utilizando-se granadas lacrimogêneas, o Ph medido na

água ficou entre os valores 3 e 4, após cinco minutos de contato com vapores de CN.

Para que tais incidentes não ocorram, é necessário a retirada do obstáculo na pista.

Os exercícios com gás devem ser usados e intensificados para dar um maior cunho de realismo às operações, qualquer que seja o escalão.

Para que se evite a formação do ácido clorídrico, no caso de uma manilha que no seu interior tenha lama e água, há necessidade de fazer a descontaminação com soluções alcoólicas de soda cáustica ou soluções fortes de carbonato de sódio, além de serem retiradas do seu interior a água e a lama preferencialmente.

Mesmo que não haja na manilha ou túnel, água e lama, as suas extremidades não devem ser fechadas para aproveitamento da concentração para outros grupos de homens. Ao término de cada exercício, o túnel deverá sofrer o mesmo processo de descontaminação acima citado, evitando-se a formação de ácido clorídrico proveniente da condensação do vapor d'água, no caso de queda de temperatura (à noite) ou em casos de chuva.

A eficiência de todo exército depende de diversos fatores, mas um deles se destaca — o moral. Podemos dispor de todo o material existente no mundo; sem moral pouco conseguiremos. Esse fator que temos de considerar antes de mais nada, é determinado por diversas condições; em primeiro lugar, depende naturalmente do prestígio dos chefes, da disponibilidade de equipamento e, afinal de contas, da população que permanece na Zona do Interior.

GEN G. MARSHALL